PUBLICAÇÕES

RECLAMEM-SE na administração do *Seculo* e nas suas succursaes, na agencia *Havas* e demais agencias de annuncios. Comunicados e annuncios contendo accusações a particulares ou relativos a vida privada dos cidadãos não se publicam.

A CORRESPONDENCIA deve ser dirigida a SILVA GRAÇA, Lda Secretario do SECULO. Não se restituem os manuscriptos.—PROPRIEDADE DE J. J. DA SILVA GRAÇA, Lda

TELEFONES Estação do SECULO, n.º 4:000, 4:001, 4:002 e 4:003—Succursal do Rocio, 2:420.

O SECULO é o jornal de maior circulação em Portugal

Impresso em seis maquinas rotativas—Endereço Telegr. SECULO—Lisboa

Administração, Redacção e Officinas, RUA DO SECULO, 43 — LISBOA

ASSINATURAS

O SECULO: Portugal, colonias portuguezas e Hespanha: 3 mezes $90—6 mezes, 1$80—1 ano, 3$60—Lisboa: 1 mez, $50—Territorios da união postal: 3 mezes, 3$50—1 ano, 14$00.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, *SECULO COMICO* e *O SECULO* Portugal, colonias portuguezas e Hespanha: 3 mezes, 2$25—6 mezes, 4$50—1 ano, 9$00—Lisboa: 1 mez, $80.

Assina-se na administração do *Seculo*, succursaes e estações postaes

RECLAMAÇÕES: Devem ser dirigidas á secção de reclamações.

As communicações relativas a assignaturas devem ser acompanhadas do respectivo numero.—Editor, Jorge Grave.

CARTA DE PARIS

GRÉVISTAS E AGITADORES

A proposito das ultimas desordens em Portugal

PARIS, 20 de Julho

Ha algumas semanas a situação em Paris foi, durante alguns dias, inquietante. Primeiro, houve uma greve de costureiras. Depois, as operarias de outras classes abandonaram a sua lavra o trabalho. A rua, sempre calma desde o começo das hostilidades, tornou-se pouco a pouco agitada. A propaganda operaria juntaram-se outras propagandas mais perigosas. Entre os grevistas de boa fé apareceram elementos suspeitos. Descobriu-se que certas doutrinas incompatíveis com o são patriotismo que o povo francez tem dado tantas provas admiráveis procuravam in-linuar-se subrepticiamente perturbando os espiritos mais fracos. Em Paris continuavam-se factos inquietantes occorridos na frente de batalha; na frente divulgavam-se factos inquietantes que se dizia ocorridos em Paris. Por esse tempo, os russos estavam ainda inativos; muita gente pensava mesmo que eles não voltariam a fazer a guerra. O concurso americano era considerado longinquo. Sobre a ultima ofensiva franceza punham-se em voga os mais absurdos rumores. Durante alguns dias chegou a pensar-se, em virtude de certos indicios, que os alemães aproveitar-se-iam da occasião para lançar um «raid» de aviões sobre Paris.

Foi um mau momento que passou. O governo interveiu nos conflitos operarios e ajudou a resolvel-os. Muitos estrangeiros suspeitos foram afastados da cidade e do paiz. Apareceu uma nova direcção, tratou de pôr um termo á campanha de pacifista que se fazia de uma maneira por vezes habil e sempre audaciosa. Na frente onde se aguarda foram desapparecendo todas as agitações. Para mais, Kerensky convenceu os soldados russos; elles começaram bitando e valorosamente contra os alemães. Os americanos desembarcaram em França. A ideia de que mesmo passou. Os parisienses recuperaram todo o seu sangue-frio, toda a sua confiança habitual. No dia 14 de julho eles puderam com entusiasmo e com esperança saudar os seus heroes.

Ha quem critique severamente o Malvy, ministro do interior. A meu ver, porem, na situação dificil em que o governo se achava, o Malvy não teve bem latino e bom governante de latinos, ele foi sem dúvida demasiado tolerante, demasiado imperturbavel. No momento do perigo não perdeu, combateu, a cabeça, não se deixou arrastar a excessos que poderiam ser perniciosos, e os resultados da sua acção foram, tanto quanto pelos partidos que o permitiso julgar, tão felizes quanto possivel.

Porque ele não perdeu de vista o seguinte: A crise economica é grave aqui, como em toda a parte. A vida é cada vez mais cara e mais difficil para muitos trabalhadores. A vida social é naturalmente perturbada. Que algumas reivindicações legitimas, aqui e ali, sentem, e se apresentem mesmo com certa insistencia, mesmo com certa aspereza, nada ha de anormal. Ha, porem, uma pequena fornentar perturbações de ordem publica em todos os paizes inimigos e mesmo em alguns paizes neutros é coisa mais de que provada. Que elas tenham, de vez em quando, seus agentes, todos os conflitos operarios ou outros que aqui em esses paizes, tambem é coisa certa. Que haja um erro grave, considerar todos os grevistas como mau patriotas, servidores conscientes dos interesses alemães.

Alguns d'eles o são. E contra esses os governos devem agir sem hesitação implacavel. Fazendo-o, eles cumprem o dever mais elementar. Os poderes em alguns paizes, se empregarem os de desordem, os que n'um paiz em guerra fazem seja o que for que corresponda aos desejos do inimigo, devem ser considerados traidores e tratados como taes. Toda a propaganda feita por esses homens, que não se dizem, mas impedida mas castigada com o maximo rigor. Toda a violencia contra eles é justificada, nenhuma pena é bastante demais para os punir.

Mas será necessario proceder com tacto no indispensavel trabalho d'uma descriminação preliminar. E' preciso separar do trigo o joio. E isso exige mais escrupuloso cuidado. Os conflitos operarios que são operarios de facto e provocados, são sobretudo por motivos economicos devem ser tratados com moderação. Neles os governos devem intervir não para fazer o que fazem uns ou por outros da não ser n'um caso de injustiça residente) mas para conciliar os interesses desavindos. Num dar cultivadas nos que pedem não possam ser tomadas considerações dos mais humanos. Dar cultivadas não que pedem não possam ser tomadas considerações dos mais humanos. Dar cultivadas não que pedem não possam ser tomadas considerações dos mais humanos. Dar cultivadas não que pedem não possam ser tomadas considerações dos mais humanos. Dar cultivadas não que pedem não possam ser tomadas considerações dos mais humanos.

A descriminação a que me refiro não é extremamente difícil a uma sociedade policiada. A nossa sociedade portugueza tem esmiudo, para um observador imparcial é que vê de fora, os homens d'uma certa distancia, toda a aparencia de o não ser. Em todas as perturbações da ordem publica, que felizmente vão sendo vulgares em Portugal, ha um certo numero de elementos cuja presença se nota sem. E' indesculpavel para os que governam que esses elementos, apontados a dedo por toda a gente, sejam, de facto, considerados desde ha muito, possam ainda livremente perpetrar os seus golpes e exercer a sua acção. E' a presença desses elementos, operando por conta dos nossos inimigos, que faz com que, entre nós, que envenena movimentos que em uma podiam corresponder a uma corrente de opinião, sejam sinceras e justas e atendiveis reivindicações.

Evitar que taes elementos fiquem impunes, é, sem dúvida, necessario; evitar tambem de justar a eles no mesmo criterio de repressão os que os sequem inocentemente na que não passam de simplesmente as vitimas d'uma situação economica que se deve empenhar em melhorar, parece-me que deve ser a base da acção dos que governam em circunstancias como as de hoje. Ha semanas, em França, mr. Malvy inspirou-se n'esses principios. Os resultados que obtiveram foram, creio bons para que os governantes d'outros paizes, a braços com crises analogas, o possam proveitosamente imitar.

Paulo Osorio.

A querela do "Seculo"

A Manhã, de hontem, fazendo alusão á nota da legação hespanhola que pede seja quereladó o numero do *seculo* referente a 11 d'este mez, diz o seguinte:

Pela nossa parte, respondemos á attitude do ministro de Hespanha, reproduzindo nas colunas da *Manhã* o artigo que deu causa a sua ira.

E aquele nosso colega reproduz-o

PRISIONEIROS DOS ALEMÃES

Fotografia publicada no n.º 123 do «Welt im Bild» (Jornal de Hamburgo) com esta legenda: «Portuguezes aprisionados proximo de Festubert»

O AVANÇO DOS ROMENOS

A acção dos aviadores inglezes — Os processos alemães

PELO TELEGRAFO

Nas linhas britanicas

Luta de aviadores — Os inglezes abatem 15 aerop anos inimigos

LONDRES, 28.—Comunicação de hontem á noite do marechal Haig: «Durante as escaramuças entre as patrulhas na visinhança do Ypres, fizemos 17 prisioneiros, entre os quaes 2 officiaes. As duas artilharias desenvolveram consideravel atividade em diferentes pontos ao longo da linha e particularmente no norte do rio Lys. Hontem de manhã a atividade foi muito fraca, mas a partir das 13 horas até ao cair da noite a atividade tornou-se grande. Os combates foram encarnicados e o dia assinalou-se por grandes sucessos para os aviadores britanicos. Estes, procedendo vigorosamente á ofensiva, mandaram-nos metralhadoras com grande sucesso durante o dia e foi-lhes possivel tomar um numero consideravel de «clichés» fotograficos. Além d'isso, as nossas esquadrilhas executaram grande numero de operações e bombardearam o aerodromo alemães. Alguns dos nossos aviadores, travando combate a mais de 40 milhas por detraz das linhas alemãs, desceram a altitudes muito baixas. Abateram 15 aeroplanos alemães e obrigamos 10 a aterrar desamparados. Faltam 3 dos nossos.»—H.

Na frente Italiana

Tambem os aviadores nossos alliados operam com sucesso

ROMA, 25.—Comunicação oficial: «Os combates diarios da artilharia foram hontem mais vivos entre Zuccharello e Valbona, no alto vale do Dogna, no Hombon e em Dosso Faiti. As infantarias limitaram-se a acções de patrulhas e duas poderosas minas que o inimigo fez explodir por baixo de uma das nossas trincheiras em Mrzli (monte Nero) não causaram qualquer prejuizo. Em toda a linha foi sensivel a atividade aerea.

«No noite de 27 um dos nossos dirigiveis bombardeou efficazmente os caminhos de ferro entre Santa Lucia (Tolmino) e Nhazza di Modrea, e alguns dos nossos aviões avariaram as instalações militares de Opcina. Esta manhã, uma importante esquadrilha, protegida por aparelhos de caça, lançou 1 tonelada de bombas de nitos explosivos na Central Electrica de Idra e nos aharmazens do vale de Chiapovano.»—(*) *Cadorna.*

Na frente franceza

Atividade de artilharia

PARIS, 28.—Comunicação oficial de hoje, 4 da tarde: «O dia foi finalmente de um tempo, excepto na região Aillies-Hortebise e duas ligeiras acções de infantaria e de artilharia foi grande de uma e outra parte.—H.

Os alemães nos Estados Unidos

De que meios se servem os barbaros

NEW-YORK, 28.—A junta de saude publica fez um aviso contra o emprego dos lafeitas de Inglaterra, chamando a acção do publico para os agentes correntes ácerca dos agentes alemães que distribuem em todo o paiz lafeitas infectos, com o fim de propagar doenças, taes como tetanos, tifoide, etc. O referido aviso acrescenta que foram enviadas á repartição de saude amostras dos tecidos vendidos pelos bufarinheiros, a fim de serem examinados nos respetivos laboratorios. Durante os ultimos dias os jornaes receberam telegramas do sul e do oeste dos Estados Unidos anunciando varios casos de infecção depois do emprego de tecidos comprados aos bufarinheiros. Ha numerosos epidemias de anthrax nos rebanhos de gado do sudoeste, cujos pastores notam que taes epidemias se de-senvolvem depois do emprego dos referidos lafeitas, que são recomendados aos pastores como proprios para a cura de golpes e outros ferimentos no gado.—H.

WASHINGTON, 29.—O sr. Gregory, procurador geral, anuncia que do exame feito pelos peritos nas amostras de tecidos vendidos pelos vendedores ambulantes, foram descobertos germens de tetanos. Avisa-se o publico que se abstenha do uso de lafeitas de Inglaterra.—H.

Os romenos

continuam na perseguição do inimigo

PARIS, 28.—Comunicação russa: «Na Romenia, na região de Wrgarez, os romenos continuam na perseguição do inimigo e capturaram uma bateria. Na região Kiali-Kiali-Kiali-Kiali até ao Putna e entrincheiram-se na margem esquerda do rio.»—H.

No Oriente

A acção dos serviços—Golpe de mão inutilisado

PARIS, 28.—No oriente: «Canhoneio recíproco na região de Vardar. Uma patrulha inimiga foi repelida por serviços para os lados de Starayina. O inimigo tentou na região de Saint Naum fazer idêntico golpe de mão, que se frustrou.»—H.

A guerra no ar

Ante-hontem á noite houve em Paris novo sinal de «ler»

PARIS, 29.—A meia noite e vinte minutos houve novo «alerta» aereo em Paris. Assim como na noite precedente, foram imediatamente tomadas medidas de segurança e a cidade ficou mergulhada em completa escuridão. A' uma e dez minutos, terminado o «alerta», restabeleceu-se a iluminação.—H.

Os navios alemães no Brazil

RIO DE JANEIRO, 29.—Os navios ex-alemães «Slegwinde», «Valdivia», «Gunther», «Pfalzia» e «Prussia», internados no porto de Santos, devem ficar prontos a navegar no proximo mez de agosto. As obras de frotes para a Europa elevam-se a alguns milhões de francos.—*Americana.*

«SOPA PARA OS POBRES»

Distribuição diaria de 1:000 litros

Na grande cozinha do *Seculo* distribuiram-se hontem 1:000 litros de magnifica sopa, composta de massa, feijão branco e batata, temperada com banha de porco.

Donativos

Dos Armazens de Calçado do Soccorro, Limitada, rua da Palma, 57-59, recebemos 2 escudos e cincoenta centavos para a «sopa».

Ao gerente, sr. Joaquim Mendes Correia, os nossos agradecimentos.

Um leque de renda, que estava na nossa sucursal do Rocio, vendeu-se por 1 escudo e 50 centavos.

Continúa em exposição, para ser vendido, o resto dos objectos de lã, que a Lanifacta Portugueza, na rua dos caminhos de Ferro, nos ofereceu em favor da «Sopa para os pobres».

Aviso

A todas as pessoas que, pelos seus meios de fortuna e trabalho, possam auxiliar a nossa obra, a «sopa para os pobres», que estamos já distribuindo em numero de 1000 litros por dia, em favor das famintas necessitadas, vitimas da atual situação crea-da pela guerra, pedimos que nos remetam para a administração do *Seculo* quaisquer donativos, tanto em dinheiro como outros valores, generos, etc.

Fotografias da guerra

Continuou hontem aberta ao publico a exposição de fotografias da guerra, que ha dias foi inaugurada na sala da *Footografia Portugueza*.

Todos os visitantes as elogiaram muito. Depois de um exame demorado, que o caso merecia, perguntaram-se arrasado para fazer, muito facilitou, admirando a sua nitidez e tamanho e momento em que foram colhidas as figuras ou assuntos que representam, todos da mais flagrante atualidade.

O preço da entrada, 10 centavos, pela sua insignificancia, justificou a concorrencia, pois que ha de prolongar-se, visto que a exposição se mantem patente, das 12 ás 17 horas. O resultado da exposição e do movimento dos catalogos, reverte a favor da «Sopa dos pobres», cuja obra humanitaria, julgamos desnecessario encarecer.

O VINHO DO PORTO

e as restrições do governo britanico

Um dos ultimos numeros do *Daily Mail* faz referencia de destaque ao discurso que o sr. Walter Sandeman proferiu n'uma reunião celebrada na City a proposito das restrições impostas pelo governo inglez ao consumo do vinho do Porto. O sr. Walter Sandeman, depois de aludir á enorme quantidade de vinho do Porto consumido em Inglaterra, explicou que esse vinho era recomendado não só como agente therapeutico, mas tambem como um verdadeiro alimento, e perguntou que motivos havia para que o publico britanico «lêe fosse privado».

Respeita de caracter oficial: «Restringir-se o consumo da cerveja; paralelamente se devia restringir o do vinho. E que direi a

As nossas tropas em França

Referencias de alguns mortos

Os mais recentes retratos de oficiaes, sargentos e soldados.—Novas tropas para a frente. Um torpedeiro perde o lugre «Ligeiro».—As sessões secretas no parlamento

—A venda da ilôr em Alrés, Lamego e Ferreira do Zêzere. — Ultimas fotografias da grande guerra.—A Comissão Pró-Patria do Brazil.—Reportagem dos principaes acontecimentos do paiz e do estrangeiro.

Veja o interessante numero da

«Ilustração Portugueza» de HOJE

As operações no Adriatico

Um importante discurso de Lloyd George

A sua recente fala no «Queen's Hall», em Londres

Respondendo a Michaelis

O «Seculo» já se referiu ao «Queen's Hall» de Londres, no dia 11 do corrente, para dizer que o sr. Lloyd George pronunciara o discurso «pacifista» de Michaelis, o Bismarck alemão. O «Queen's Hall» de Londres, um estabelecimento desmoralizado, e é dele que forma tribuna o sr. Lloyd George, o «Queen's Hall» de Londres, um estabelecimento desmoralizado, e é dele que forma tribuna o sr. Lloyd George.

Nunca o mundo esquecerá os serviços prestados pela Belgica ao direito internacional. Ao que parece, nem a Belgica, durante os ultimos seculos deram se no sido da Belgica. A Belgica é a porta entre as potencias centrais e o ocidente, e os estadistas alemães sabem que a Belgica, quando se recusou a deixar a Alemanha em uma agressão da Alemanha ia ao encontro a França. A Belgica em se declarou por ter cumprido o seu alto dever de civilisação. Tem sido vitima da desenfreada selvajaria do conquistador, dos excessos de uma ferocidade de feras, dos tormentos de uma refinada crueldade que atropelava tudo quanto Attila pouco importava, dos ultrajes ao alto mar que tem no fundo navios mercantes indefesos e navios de passageiros, abrigando mulheres e crianças. Concentrando ha tres anos, os exercitos alemães, a Belgica sofreu tanto de opressões, humilhações e servidão, de atrocidades e de angustias; mas no dia em que o sol se pôr, a Belgica ainda não nasce.

O sr. Lloyd George disse que «uma nação que se defende é respeitada por todos. Essa nação é a Belgica. Tem sido muito angustias que sejam não representam direito ao sol. Tem sido a Belgica a defesa da liberdade que se chegando, e quando chegar essa liberdade ha de ser completa.

O que é que nos embaraça o caminho? Ha o mau tempo, ha o mau tempo. Ha tho chaneiro que faz no caso de papeis ao mar. Ha o mau tempo que faz o caso a lado. E não tardará muito que se ihes algum tempo. Ha o mau tempo que faz o oferece o seu discurso? E um discurso de desespero, que se volta para todos os lados. Ha o mau tempo que faz o que se desejam a paz «não muitos. Mas ha tra-ges que não se conseguem. Ha o que ha champrendendo, frasa sobre o tornar regista a Belgica. A Belgica é a porta

«A democracia, só por si, é uma garantia de paz»

Foi essa a frase que ouvi a anexação da Alsacia-Lorena. Foi essa a frase que inundou de sangue em 1914 toda a Europa. E essa a frase que ouvi a Alemanha, se fazia a anexação da Belgica, e é essa a frase que neste momento ecoa por toda a Europa, dentro de uma geração, n'um mar de sangue. Ha muito tempo, essa frase ia ser essa frase da política europeia.

Ha tres dias tres frases para os democratas—muitas. Chamam-se hum neutralos do Helcistag para cooperarem com o governo; devem mostrar-se mais democraticos, menos de todos os partidos; porém, havia Hamburgo, que não tem direitos de Jinkr e nenhum partido teria direitos imperiaes. A «sua» Alemanha, a Alemanha dos democratas, mas não como ministros, somente como amanuenses.

E' como o discurso de um homem que aguarda a situação militar; convem que se ihes dê a ideia de que a Belgica, a Gra Bretanha, a França, a Italia, todos estão.

E' um discurso que pode melhorar com o desenvolvimento da situação militar, se os alemães conhecem a situação militar, se o fim o exercito russo no oriente; se a Turquia, que é o exercito turco, deitarem a Gra Bretanha fora da Mesopotamia; se os submarinos alemães conseguem afundar os mercantes, então esse discurso significará, não a paz, mas a vitoria da Alemanha democrata militar ficará mais firmemente estabelecida do que nunca, se, porém, por outro lado, os alemães forem repelidos ocidente, derrotados no oriente; se os turcos forem vencidos na Mesopotamia, dominados no alto mar, aquele discurso nada perde, ter-se-ia tornado mais necessario. Se a Alemanha, tememos então de exigir outras garantias.

A Alemanha não pensa, sinceramente, na paz

A meu ver, a Alemanha chancelar alemão indica que os que estão encarregados de dirigir a Alemanha, estão-se, neste momento, a favor da guerra. Naquele discurso, ha uma indicação especial, que a Belgica, a Gra Bretanha, a França, a Italia, todos estão.

Ha muito tempo, que não ouvia a frase «não é do bem agouro para a Belgica». Ha muito tempo que não ouvia a frase «não é do bem agouro para a Belgica» pela segurança dos interesses economicos. Ha muito tempo que não ouvia a frase «não é do bem agouro para a Belgica» chegarem a restaurar a Belgica, essa restauração será um di-face.

EM TEMPO DE GUERRA

UM FACTO

O sr. K. Jones, diretor do serviço de economia alimentar em Inglaterra, fez uma campanha aconselhando a restrição voluntaria do consumo do pão. Apelou para a consciencia individual, exortando-a a que se inspirasse em sentimentos de mais puro patriotismo, em harmonia com a sociedade do momento.

Ha dias deu a conhecer o resultado da sua propaganda n'estes termos:

«A campanha obteve o apoio mais completo e perseverante. A economia do pão em todo o país sobe a quasi um terço menos do consumo anterior».

No facto sente-se uma vibração de timbre religioso e analisando-o admite-se que a idea da patria possa servir de fundamento á moral quando se souber preparar as almas n'este sentido.

Esse sacrificio voluntario, aceite pelo povo inteiro, tendo por sanção apenas a satisfação do dever cumprido, sae fóra dos concelhos que se está acostumando o mundo atual, materialisado pela cupidez grosseira do instinto.

Existe, sem duvida, no povo que assim se manifesta uma riqueza espiritual, mistica, que superiormente o dirige e da qual pode confiar a sua integridade futura.

Nós, portugueses, fazemos um exame de consciencia, perguntando qual seria o nosso procedimento em circunstancias identicas.

Mal raidos encontrariamos para trocar o azeite da lilha. O governo, o partido politico contrario, o vizinho, o boatim que que ria preciso arrellar: a esperteza de cada um, que não ámide ser lograda: o cinismo dos moralistas com a manha de fr. Tomaz; o resultado conhecido de antemão.

Por isso nos desapegamos e dissolvemos. Nenhuma coesão nos liga, falta-nos uma aspiração comum indiscutivel, sem duvida, que, queremos viver. Nem este desejo reune todos os sufragios. Queremos pão? Sim. Mandado pela Providencia, e que se ja a farta. Ora a Providencia, que ha conda tem despedido pela nossa ingenuidade, previne-se com o que precisa para seu uso proprio e atira-nos com esse bolo venenoso, prohibido até para os seus filhos, estimados. Gemendo e imposturando se caminha ao acaso sem saber para onde. Mas destino levamos, é certo, todos o reconhecem. De quem a culpa? Da nossa falta de moral, de consciencia interior que nos dirija a consciencia, o remedio? Do céu não pode vir porque estamos de relações cortadas. O patriotismo! Quem sabe por aí o que isso seja?

Dr. Felix

NA CUMIEIRA

Um crime antigo d'assassinio e roubo no valor de 74 contos

Descobrem-se as suas autoras, e o povo, indignado, incendiou-lhes a casa, perdendo todos os bens

PENAGUIÃO, 29.—C.—Foi, finalmente, desfinda toda a meada do crime de monte e roubo praticado na cêrca de dois dias na freguesia da Cumieira, d'este concelho, de que foi vitima, ha cerca de 15 anos, Carlos Rebelo, tio do farmaceutico em santa Marta se, Guillerme Rebelo.

Este crime foi então muito comentado, visto que as suas presumidas autoras se dirigiram, logo depois, para uma cadeia, duas mulheres do lugar, conhecidas pelas suas proezas, e que, ao mesmo tempo, se ausentaram, sem dar a conhecer o seu paradeiro.

Ha dias, porém, duas criadas das «Grãas» foram roubar fruta a uma propriedade do sr. Domingos Chaves, que, sabendo-as, ordenou-lhes, para as intimidar, pelo a um cabo de polícia, que por acaso se achava na estabelecida, que fosse prendesse as raparigas e as conduzisse até a antiga residencia do amerciado, e, depois, do-lhes que iam para a cadeia, e as soltasse depois, mediante a promessa de não voltarem a roubar fruta ao sr. Domingos Chaves.

Como se descobriu o crime — Prisão das assassinas

O cabo de polícia, por acaso, não disse á rapariga o motivo por que as levava presas e, a certa altura os caminhos, mais velhos, ordenou-lhes voltassem para ele e disse-lhe:

—Se é por causa da morte da velha, não nos leve para a cadeia, que eu confesso-lhe tudo.

E sem mais preambulos narrou-lhe que tinham sido, efectivamente, as duas mulheres, que tinham cometido o crime, a velha, e em seguida cometido o roubo, indicando-lhe o sitio onde se ocultava o dinheiro roubado.

O cabo de polícia, ao ouvir estas declarações, levou as mesmas á presença da autoridade, a quem, depois, contou tudo quanto ouvira lhe dissera.

Imediatamente foi ordenada a captura de toda a família criminosa, inclusivamente o que das criminosas, e, interrogadas, sofreu do crime, e, sob a ameaça de, se não arrancar a confissão mas o pae, depois de muitas apertadas com perguntas e arrancado com os meios, terminou por confessar que realmente tinham sido, elas, as duas filhas as autoras do crime.

O povo tendo conhecimento do crime, diligiram a casa do presidente daquele crimino e lançou-lhe o fogo, ficando todo reduzido a cinzas, tudo quanto lhe pertencia inclusivamente os animais domesticos e um projecto de lei de fabrica que tinha dinheiro em notas que as criminosas tinham roubado e esconderam no forro da casa.

O valor do roubo, segundo se admira, é de quatrocentos e cinquenta mil reis em moedas, o dinheiro em ouro e as joias estavam escondidas em Vigo, Lisboa e Porto e as roupas n'uma vinha das criminosas. Estas eram: Maria Rosa, solteira, e Ana Rosas de conhaço da sr.ª D. Catarina Ribeiro.

A descoberta da crime emocionou extraordinariamente o pacato e laborioso povo da Cumieira.

Música nos passeios

Foi um bonito agradavel o primeiro concerto que a banda de musica da patrulha Sociedade de L. M. P. E. L. Ontem, a tarde, na Avenida da Liberdade, com um belo programa. A banda tocou muito bem, e os executantes e tocou com perfeição. Foram as peças de maior merito, e que mais provocaram as manifestações dispensadas pelo grande concurso tributo de publico que a ouviu, as peças de maior agrado foram:

Airopelamento mortal

Na estrada nacional, Aldeia de Santa Catarina, quando ante-hontem passava de carpinta de rua José Maria Vieira, de 14 anos, foi atropelado n'uma motocicleta n'ifdra, embaixo com pouca velocidade, pelo motociclista, o sr. Manuel Rosa Gomes Valcar, de 20 anos, casado com Augusta Moreira de Valongo, Vouga, Informado a Marta Rosa, Vouga, Informado a Marta Rosa, Vouga, Informado a Marta Rosa